

O CALENDÁRIO E A CIVILIZAÇÃO

A cultura, a religião, os usos e os costumes de uma época são função do calendário que a rege. Existe a divisão natural do tempo como o dia e a noite e as estações do ano; sua consequência é o homem natural, inteiro, em contato com a realidade. Por outro lado existem as infinitas possibilidades de medir, dividir e tentar controlar o tempo; as consequências são o progresso, o desenvolvimento mental e todas as suas consequências positivas e negativas.

Cada calendário cria seus deuses e seus demônios, suas pragas e suas curas, seus heróis e seus bandidos, seu bem e seu mal. Quanto mais um calendário se afasta do natural, maiores são as tensões criadas nas mentes das pessoas; consequência: maiores realizações materiais e culturais às custas de maiores sofrimentos e horrores para seus contemporâneos. Vamos ver como isso funciona e como interfere em nossas vidas.

Nossa imaginação se desenvolve em um campo de forças cujas coordenadas são a tensão mental (Razão x Instinto) e a pressão sanguínea relativa (Mente x Corpo), conforme mostrado na figura nº 1.

Como usualmente o calor nos induz à ação corporal e o frio ao recolhimento mental, são automáticas as associações com as fases do ano e do dia conforme ilustrado na figura nº 2. Por ali se vê que: ao ponto M corresponderá a noite mais longa do ano e o meio da noite de cada dia.

No ano 45 AC, o calendário juliano estabeleceu o início do ano no décimo primeiro dia do inverno (hemisfério norte). Na sequência da figura nº 3 mostramos como uma série de erros e correções no sincronismo das datas gerou o mundo moderno com todas as suas contradições.

A causa destes eventos históricos está em um fato físico que hoje podemos entender: a superposição de imagens. Todo nosso imaginário se projeta em um

fig. 1

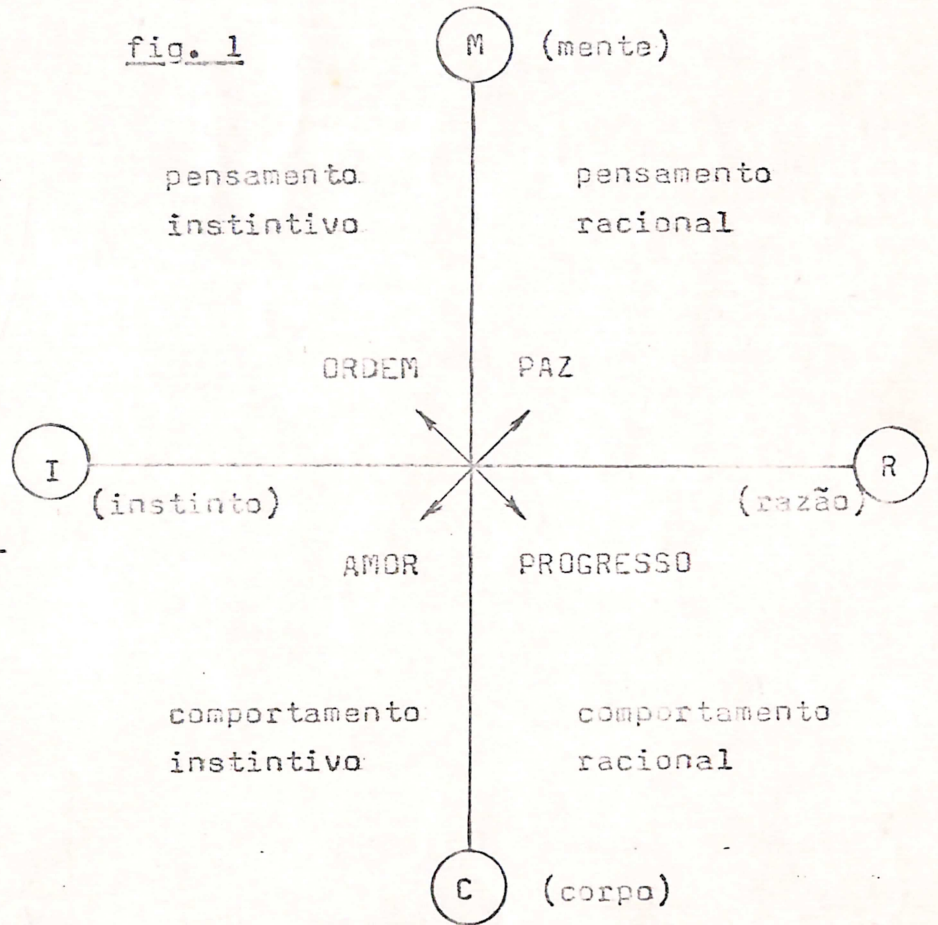


fig. 2

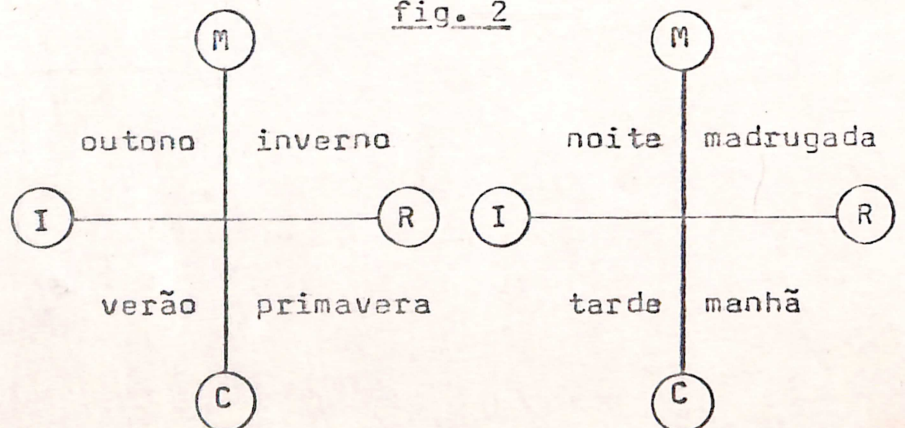
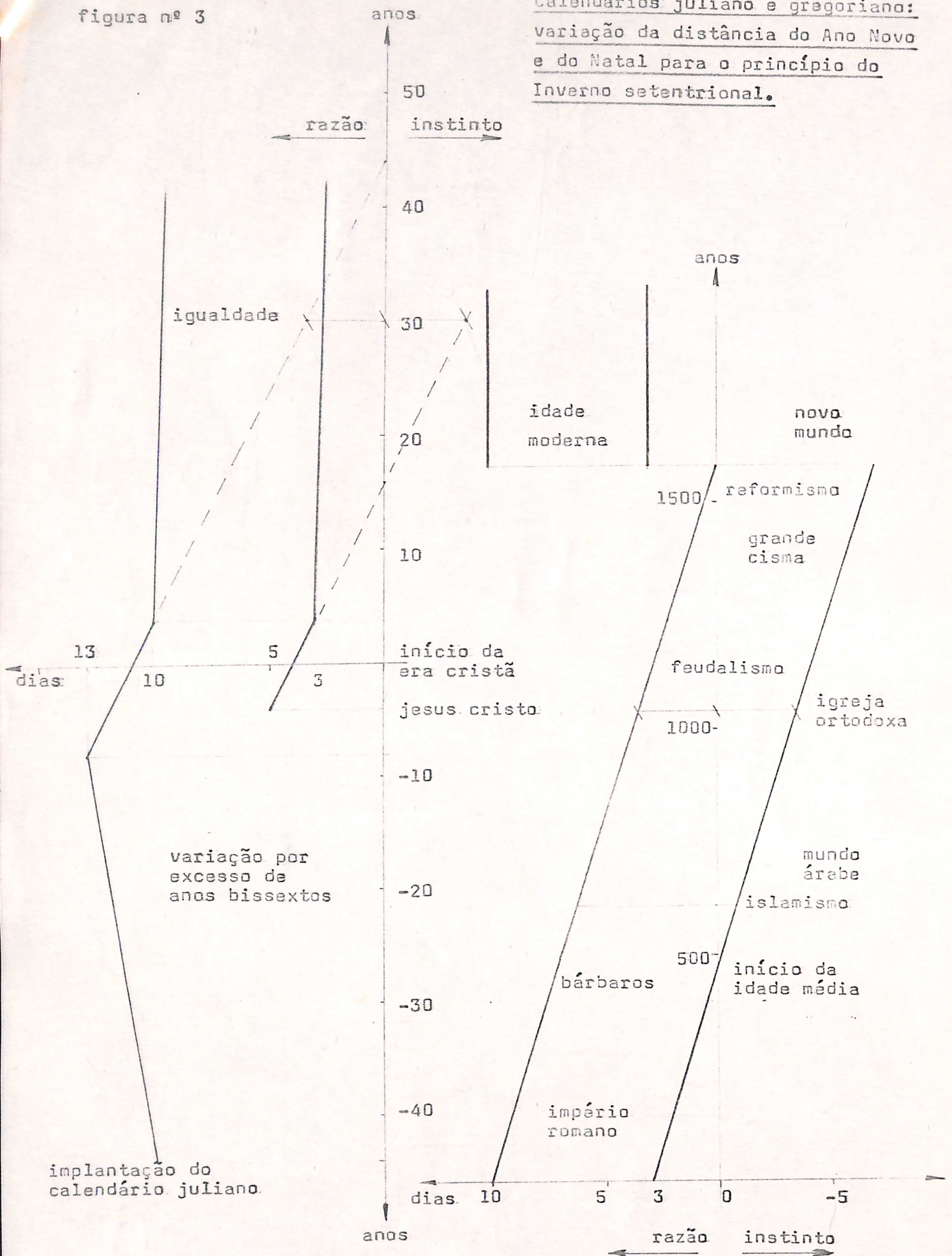


figura nº 3

Calendários juliano e gregoriano:
variação da distância do Ano Novo
e do Natal para o princípio do
Inverno setentrional.



mesmo plano mental; aí estarão superpostos os calendários e os relógios naturais e artificiais, criando imagens, misturando informações, gerando fantasias e realidades. Os movimentos circulares das diversas escalas de tempo interagem permanentemente, modulando a linha do pensamento e interferindo com a experiência presente.

A este campo circular de pensamento corresponde uma corrente perpendicular (análoga ao campo magnético ou ao momento cinético) ilustrada na figura nº 4. Esta é a percepção extra-sensorial ou para-normal, que permite a algumas pessoas separar as informações projetadas na imaginação e ter visão mais clara da realidade. Também permite que alguns indivíduos assumam um controle consciente da recepção ou da emissão de sinais moduladores.

Logo, na base de todas as habilitações aparentemente sobrenaturais do ser humano, deverá estar a capacidade inata ou desenvolvida de separar as informações e desligar os sinais moduladores desnecessários ou prejudiciais. O poder de emissão e captação extra-sensorial é a norma; a capacidade de decodificar conscientemente os sinais é a excessão. E esta capacidade é excessão devido ao excesso de ruído que acompanha os sinais.

O principal e praticamente universal destes ruídos em uma cultura, é o seu modo de dividir o tempo contrariando as divisões naturais. A interação dos calendários naturais com os artificiais, com todos os seus meses, semanas, horas, minutos, segundos, etc, age simultaneamente nas mentes dos elementos condicionados pela cultura, constituindo-se no seu inconsciente coletivo.

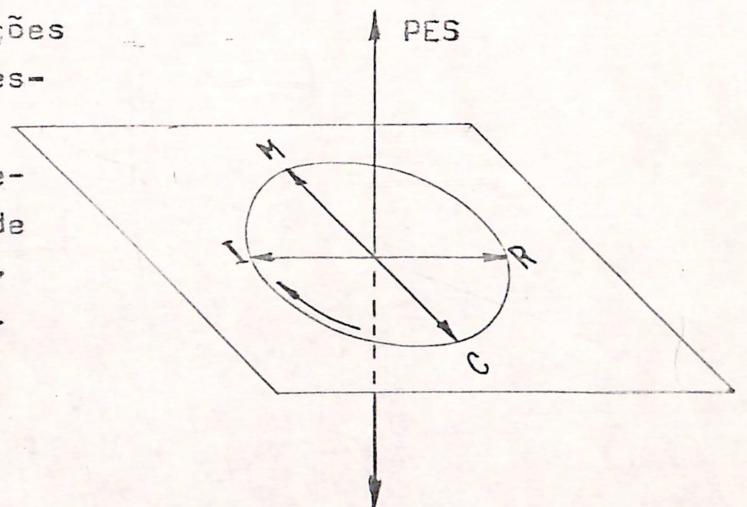
Uma vez definido e iniciado um sistema de calendários, podem ser traçadas as linhas do desenvolvimento futuro pela projeção das curvas naturais e artificiais de tempo, seus harmônicos, conjunções, defasagens, inflexões, ascensões, quedas, ciclos e repetibilidade. Algumas mentes são capazes de tais predições, como sabemos.

Por mais preciso que um calendário pareça ser, ele estará sempre gerando tensões, a medida em que tenta enquadrar os ciclos da natureza, que não aceitam números inteiros ou constantes em suas correlações. Por exemplo, o mes e o ano não nasceram um para o outro, e qualquer tentativa de casá-los nos leva a uma crescente desarmonia mental.

O desenvolvimento de qualquer calendário aumenta gradativamente as tensões e pressões internas, acumulando contradições de solução cada vez mais difícil. O crescimento da confusão e das inversões de valores morais, sexuais, econômicos, religiosos etc, evidencia o esgotamento de um ciclo e a necessidade de um desarmamento geral de espíritos; este desarmamento é propiciado pelo zeramento das referências coletivas.

Logo, o fim dos crimes e das perversões, da tortura e do terrorismo, da

fig. 4



AIDS e do apartheid, da miséria e da exploração, das guerras e das revoluções, do extermínio de espécies e da destruição da natureza depende do desligamento dos relógios. Isto significa parar o moinho do tempo, como sonhava Dom Quixote já no século XVI. As manifestações artísticas neste sentido são enfáticas e numerosas. E o artista é o profeta moderno, intérprete sensível do inconsciente coletivo.

O PLANO DA IMAGINAÇÃO

No plano da Imaginação, cujas coordenadas são os eixos MC e RI, projetam-se nossos estados de espírito e movimentações mentais. Os estados de espírito são pontos de coordenadas definidas. Os pensamentos e as ações são vetores unindo os estados inicial e final de uma transação.

Já tivemos uma primeira idéia das operações vitais ou centradas, necessárias à vida e à interação com a natureza: o PROGRESSO com ORDEM e o AMOR com PAZ. Cada uma destas atividades exercida isoladamente nos afasta gradativamente do centro. Atividades opostas (fig. nº 1), revezadas e coordenadas, nos mantêm entorno da perfeição possível.

A ORDEM que limita o PROGRESSO, é a ordem superior da natureza. Significa o respeito ao ambiente e a cada um de seus seres; implica em não deprovar, não desperdiçar, não poluir, não acumular, não exorbitar; é a lei máxima do equilíbrio ecológico.

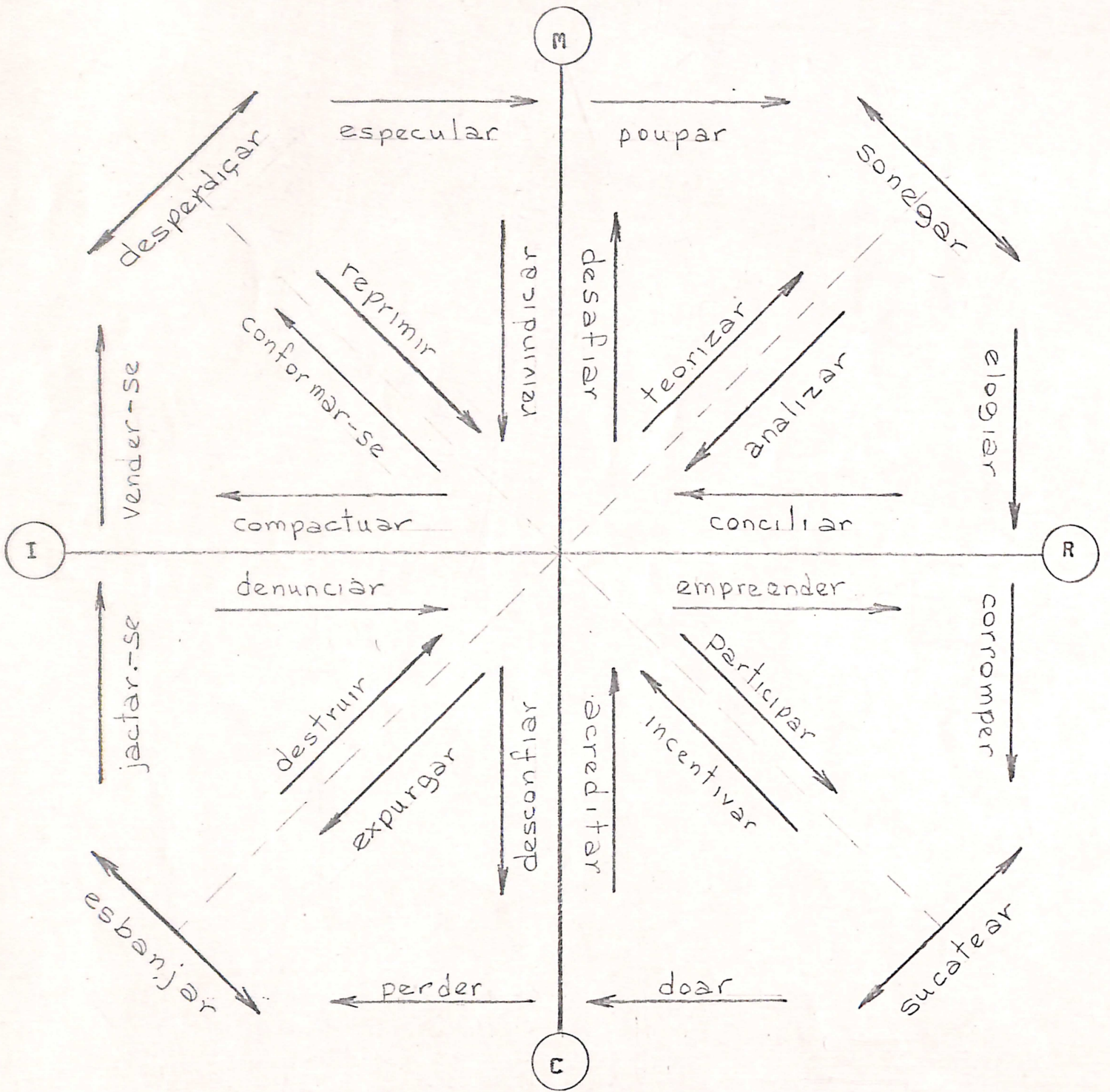
O AMOR que condiciona a PAZ, é o amor integral pela natureza e todos os seus seres, pelo semelhante e pelo próprio corpo e existência. Implica em não se alienar, não se isolar, não se omitir, não se introverter, não sonegar; sua definição mais abrangente é participação.

No plano de nossa imaginação, as atividades vitais possuem duas características marcantes: são centradas e são diagonais. Já vimos o que significa ser centrada; ser diagonal significa integrar o Raciocínio (horizontal) e a Emoção (vertical). As ações paralelas aos eixos dissociam as componentes; são como a tensão elétrica sem corrente ou a força sem velocidade, isto é, não realizam nada por si mesmas.

A maior parte das pessoas em nossa cultura passa toda sua vida muito longe do centro; e longe do centro todas as atividades se distorcem. Cada quadrante possui suas formas próprias de distorcer a realidade, que podem ser: descentradas (diagonais), dissociadas (paralelas) ou perversas (periféricas). A figura nº 5 é uma visão de atividades fora do centro. Os eventos podem se modificar, em se tratando de relações sociais, religiosas, políticas, econômicas, etc. O espírito porém se mantém; a orientação repressora, por exemplo, será sempre punitiva, castradora, cerceadora, qualquer que seja a transação em pauta.

Se estamos no centro, nossos processos mentais são absolutamente objetivos; quando ocorre um desequilíbrio, exercemos a atividade capaz de reequilibrar o sistema e retornamos ao centro; é uma transação fechada, completa, perfeita. O normal, porém, é estarmos fora do centro; neste caso nossos processos mentais se sucedem em círculo, tanto individualmente quanto colo-

FIG. 5



tivamente.

Se o nosso processo mental for no sentido horário ou de direita, nós abordamos cada quadrante pelo seu lado mais agressivo ou centrífugo; entramos assim em uma escalada de afastamento e neurotização (ver figura nº 6). Já no sentido anti-horário ou de esquerda, cada quadrante é abordado pelo lado da aproximação ou da conciliação (figura nº 7); trata-se portanto de um processo de redução de tensões ou de conscientização. Percebemos por aí que desde a primeira infância nós somos condicionados ao afastamento do centro (figura nº 8), ou a uma vida de baixa tensão em contato preferencial com o aqui e agora (figura nº 9).

Mesmo quando nos afastamos do centro, podemos viver uma vida mediana se não sofreremos agressões exageradas. Nossa personalidade descreverá uma órbita (figura nº 10- a, b, c, d) que se completa na velhice. O quadrante inicial, neste caso, define a personalidade ao longo de toda a vida. Estes são casos relativamente saudáveis, de pessoas que conseguem ir vivendo as quatro fases convencionais de suas vidas sem traumas maiores.

Outra é a situação daqueles que, usualmente na primeira infância, são agredidos ou reprimidos de tal modo a serem lançados muito distantes do centro. Estes tenderão a estacionar em um ponto de sua órbita, sem vencer as etapas da vida, isto é, sem amadurecer. A figura nº 11 ilustra diversos círculos viciosos em que estes indivíduos podem estacionar ao longo da vida.

Esta distribuição de papéis neuróticos, que se anulam mutuamente na roda da vida, faz-nos pensar em todos os outros sistemas em equilíbrio que existem no Universo. O que falta em um lado sobra no outro, e na média o sistema está sempre em Zero, o ponto do equilíbrio perfeito.

No nosso caso, o equilíbrio costuma ser doloroso e destruidor; isto porque não aprendemos a conter a força cada vez maior deste moinho que tritura quem se põe em seu caminho; e desta força só escapa quem está no centro.

Todo o mal que vemos no mundo faz parte do processo de crescimento da consciência coletiva e transcendental da espécie humana. Cabe-nos decifrar o enigma e entender a mecânica da vida, para não sermos mais devorados pela esfinge.

Desligados os relógios, desfaz-se a força centrífuga e criam-se as condições para que cada um se aproxime de seu centro individual, e todos do centro comum. Aí ocorrerá o encontro dos opostos.

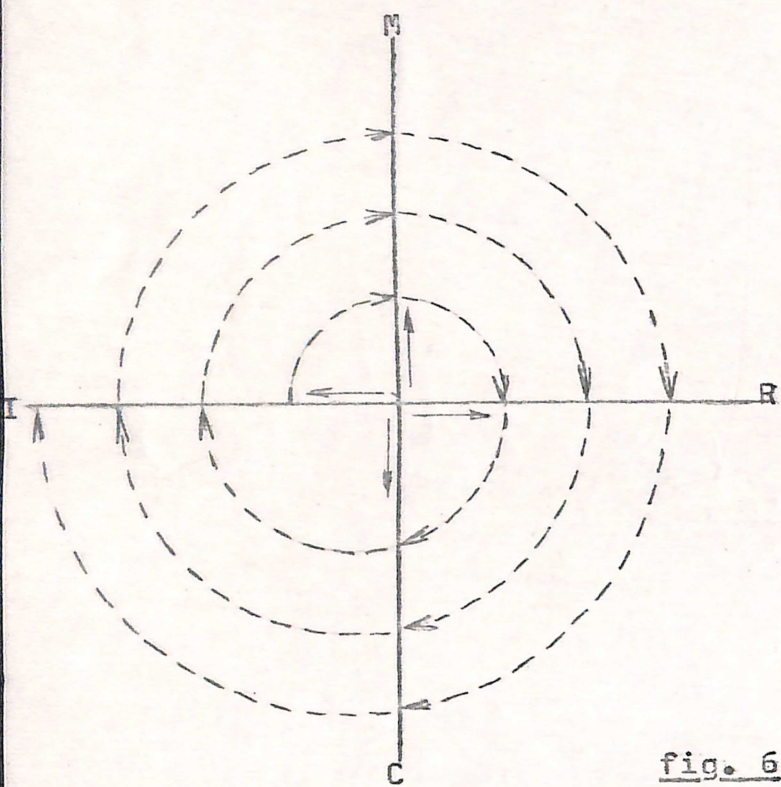
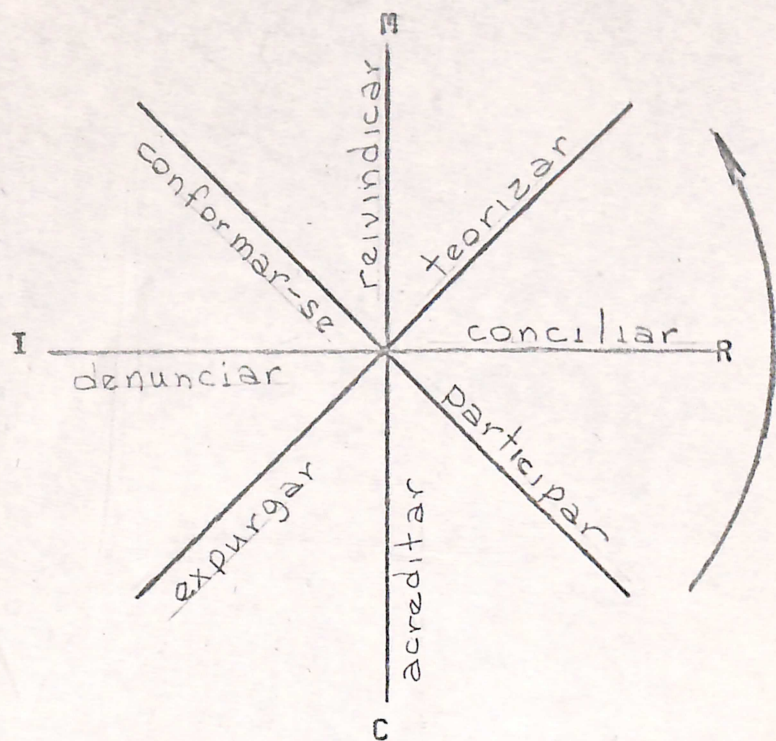
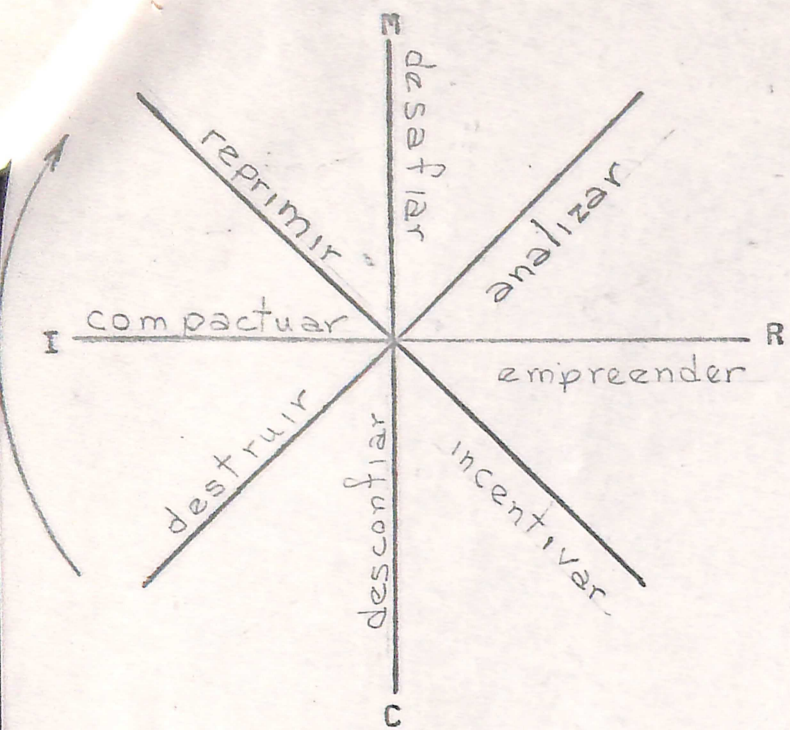


fig. 6

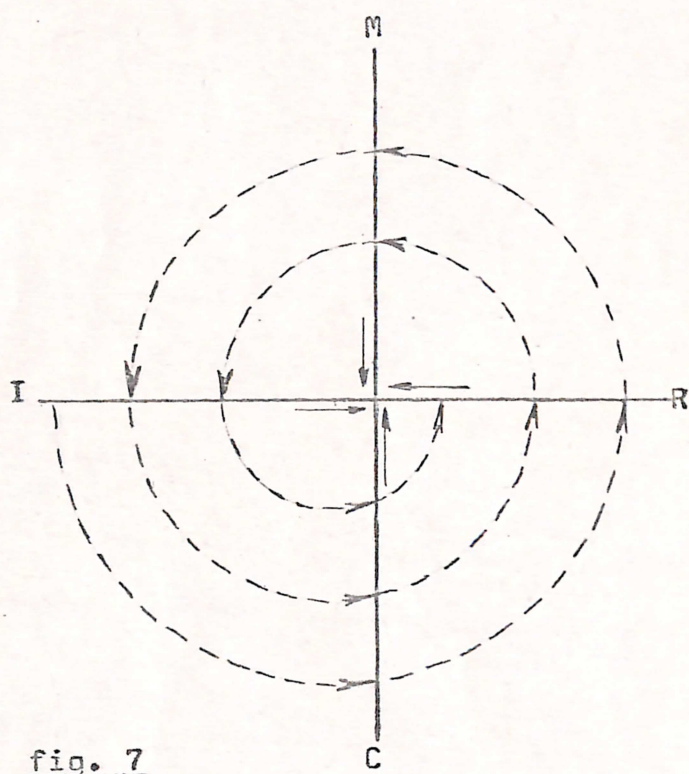


fig. 7

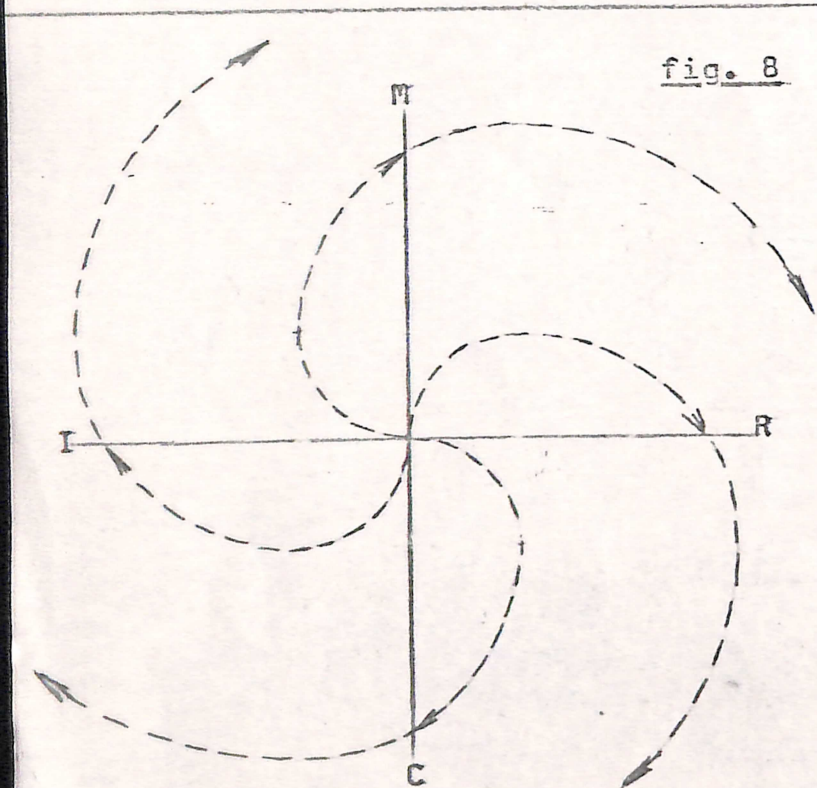
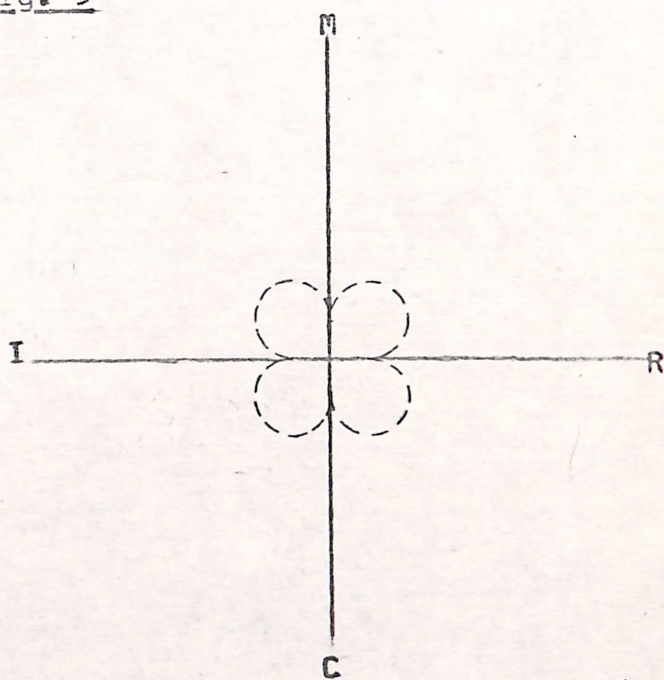


fig. 8

fig. 9



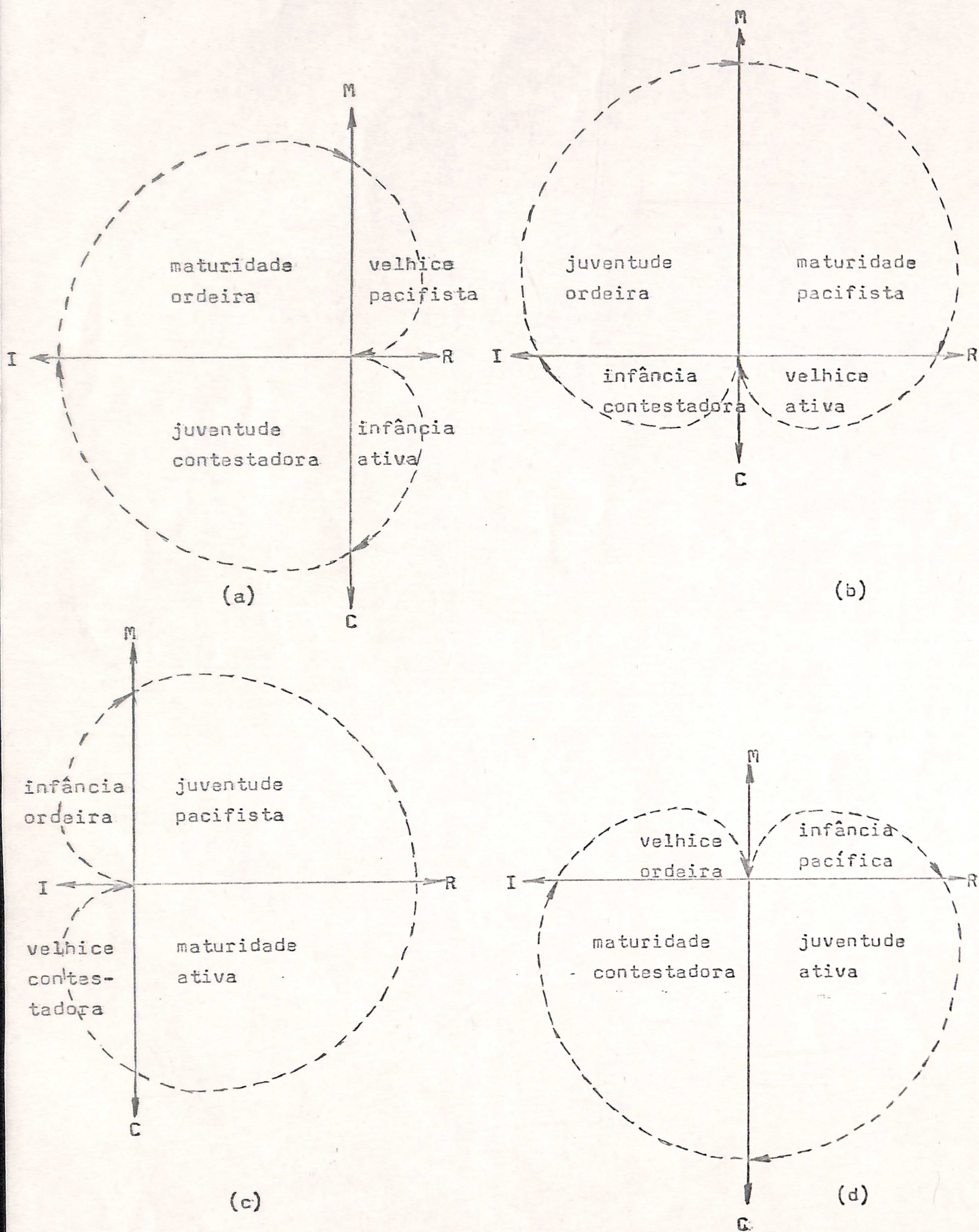
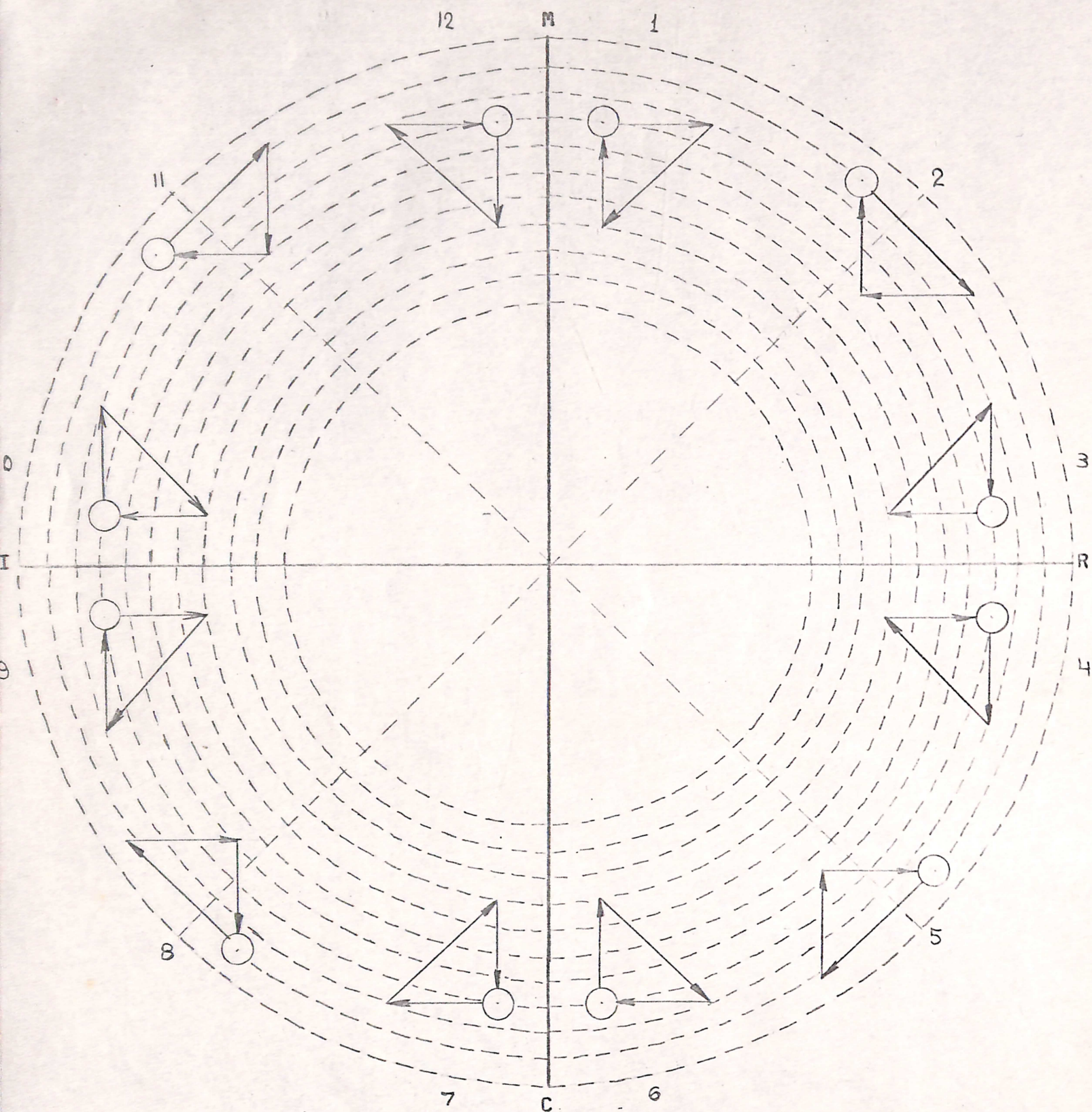


fig. 10

FIG. 11



- 1- sovina, analista, ousado
- 2- alienado, conciliador, ousado
- 3- conciliador, teorizador, bajulador
- 4- corruptor, incentivador, individualista
- 5- incansável, crédulo, individualista
- 6- crédulo, participante, pródigo
- 7- perdulário, agressivo, desconfiado
- 8- libertino, acusador, desconfiado
- 9- acusador, rebelde, vaidoso
- 10- corrupto, repressor, conivente
- 11- perverso, reclamador, conivente
- 12- reclamador, submisso, usurário